

# ARGUMENTAÇÃO NA LINGUÍSTICA DOS GÊNEROS: ESPECIFICIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

## ARGUMENTATION IN LINGUISTICS OF GENRES: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL SPECIFICITIES

Rosalice Pinto\*

### RESUMO

Este artigo, perspectivado no quadro teórico de uma linguística dos gêneros (RASTIER, 2001), mas com contribuições teóricas de abordagens textual-discursivas – Adam (2008), Amossy (2012), Maingueneau (2004) – visa a estudar de que forma fatores contextuais (prática social, lugar de circulação, agente de produção, público-alvo, objetivo e suporte), de caráter genérico, podem vir a influenciar a materialidade argumentativa multimodal, de alguns gêneros persuasivos – Pinto (2011). Seguindo uma metodologia descendente de análise (BRONCKART, 1999), objetiva-se aqui atestar que as escolhas argumentativas perpetradas pelo agente produtor são condicionadas por aspectos genéricos diversos (PINTO, 2010; 2011). Para fins demonstrativos, este estudo se centra na análise de um exemplar de outdoor político produzido em Portugal. Estudos preliminares confirmam a correlação entre coerções contextuais impostas pelo gênero e a seleção de recursos textuais. Especialmente, no caso deste exemplar prototípico, o lugar de circulação e a finalidade do próprio texto coíbem fortemente a construção argumentativa multimodal do gênero outdoor político.

**Palavras-chave:** Argumentação, Linguística dos gêneros, Multimodalidade.

### ABSTRACT

*This paper, based on the perspective of Linguistics of genres with the theoretical contributions of some textual-discursive approaches Adam (2008), Amossy (2012), Maingueneau (2004) aims at verifying that contextual aspects (social practice, place of circulation, producer agent, interpreter, objective and support), concerning generic elements, may influence the argumentative multimodal materiality of some persuasive genres. Following a top-down methodology of analysis*

\* Pós-doutora em Ciências da Comunicação e doutora em Linguística (especialidade em Teoria do Texto) – rpinto@fch.unl.pt. Investigadora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) e do Centro de Investigação & Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa (CEDIS).

(BRONCKART, 1999), the objective is to verify that the argumentative strategies selected by the producer are constrained by different generic aspects (PINTO, 2010; 2011). In order to confirm this hypothesis, this study is focused on the analysis of a sample of a political poster produced in Portugal. Preliminary studies confirm the correlation between contextual coercions imposed by genre and the selection of textual resources. Specifically, in this prototypical sample, the place of circulation and the objective of the text constrain significantly the multimodal argumentative construction of the political poster genre.

**Keywords:** Argumentation, Linguistics of Genres, Multimodality.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo, centrado em uma Linguística dos Gêneros (RASTIER, 2001), visa a integrar o estudo da argumentação à problemática dos gêneros. Dessa forma, quando da análise de materialidade plurissemiótica destes (considerando-se a existência de elementos verbais e não verbais constitutivos), aspectos contextuais diversos (prática social, lugar de circulação, agente de produção, público-alvo, objetivo e suporte) devem ser evidenciados. Todos esses elementos influenciarão a materialidade argumentativa dos textos. Na verdade, considera-se aqui, a partir de uma metodologia descendente de análise (BRONCKART, 1999), que as escolhas argumentativas perpetradas pelo agente produtor são condicionadas por aspectos genéricos diversos (PINTO, 2010; 2011).

De forma a atender o objetivo proposto, refletir-se-á aqui sobre a materialização de um gênero persuasivo específico: o *outdoor* político. Este, como se sabe, tem como objetivo convencer um eleitor a votar em determinado partido/candidato. É um gênero textual que tem uma função acional muito relevante, fazendo uso de estratégias várias, de natureza multimodal,<sup>1</sup> em muitos dos casos, de forma a convocar a adesão do público a determinada tese. A título exemplificativo, analisar-se-á um exemplar prototípico<sup>2</sup> do gênero textual *outdoor* político que circulou em Portugal nas eleições de 2002.

Na verdade, são vários os questionamentos que aqui serão colocados: (1) Como descrever as estratégias argumentativas de natureza multimodal presentes em *outdoors* políticos?; (2) Como lidar com os vários modos semióticos presentes nesses textos?; (3) Esta descrição argumentativa multimodal pode ser condicionada por aspectos genéricos?

No intuito de responder a essas questões, procurar-se-á inicialmente apresentar algumas abordagens prévias que descreveram a argumentação do ponto de vista linguístico – nomeadamente preceitos da argumentação na língua (doravante ANL); da argumentação nos textos (ANT) e nos discursos (doravante AND). Em seguida, definir-se-á o que se considera a argumentação no gênero (doravante ANG), partindo do conceito de Linguística dos Gêneros (conceito desenvolvido por Rastier e detalhado por Bouquet). Posteriormente, far-se-á a análise de um exemplar de um gênero textual específico: o *outdoor* político e apresentar-se-ão as considerações finais.

<sup>1</sup> A multimodalidade diz respeito à pluralidade de modos semióticos que podem estar presentes em textos. Para detalhes, ver: Kress e Van Leeuwen (2006), Van Leeuwen (2005)

<sup>2</sup> Sobre a importância da prototipicidade para a análise de textos, ver: Pinto (2009).

## 2 ARGUMENTAÇÃO

Como se sabe, são muitos os trabalhos sobre a argumentação que evidenciaram a sua importância, nas últimas décadas, em diversas áreas do conhecimento.<sup>3</sup> Contudo, há de ser ressaltado que os diversos estudos evidenciam aspectos específicos sobre a argumentação, não abrangendo a complexidade exigida pelo ato de argumentar. É importante mencionar que, ao se trabalhar com a argumentação em textos empíricos, deve-se lidar com uma pluralidade de gêneros textuais/discursivos em que as unidades comunicativas (os textos) estão inseridas e, conseqüentemente, questões descritivas de ordem contextual e textual se impõem. Dentre os diversos trabalhos sobre esta noção, ressaltaremos aqueles que trarão subsídios teóricos relevantes para a definição do que aqui será denominado *argumentação no gênero*, nomeadamente os trabalhos de Anscombe e Ducrot (1988), Carel (2011), Adam (2008) e Amossy (2012).

### 2.1 Argumentação nas perspectivas linguística, textual e discursiva

São os trabalhos pioneiros de Anscombe e Ducrot<sup>4</sup> que, limitando-se ao nível do enunciado, descreveram sobretudo o papel de alguns conectores argumentativos e de algumas expressões linguísticas para a orientação argumentativa nos enunciados – sendo esta desencadeada a partir desses elementos linguísticos. Mais recentemente, os trabalhos de Carel,<sup>5</sup> seguindo a mesma tendência, mostraram a existência de argumentações internas e externas<sup>6</sup> em *portanto* e *contudo* que poderiam vir a ser desencadeadas a partir de alguns lexemas ou, ainda, de alguns enunciados.

Do ponto de vista da ANT, observa-se a importância dos estudos de Adam e de Bronckart. Para o primeiro, existem alguns modelos de caráter cognitivo, organizados em sequências prototípicas<sup>7</sup> e, entre elas, há a possibilidade da existência de sequências argumentativas. Por outro lado, para o segundo autor, a sequência argumentativa tem um caráter dialógico e pode se adaptar a aspectos contextuais, sendo uma das possibilidades da organização do conteúdo temático, no plano textual. Estudos mais recentes deste último autor evidenciam a possível não existência de sequências, em alguns gêneros textuais (BRONCKART, 2008).

Para a Análise do Discurso (doravante AD), segundo Amossy (2000, p. 29) a argumentação consiste nos meios verbais que uma instância de locução coloca para agir sobre os alocutários, visando com que estes adiram a uma tese. Com isso, pode modificar ou reforçar representações e opiniões relativas a determinada tese ou orientar para uma reflexão sobre um determinado problema. Tomando de empréstimo a Aristóteles seu quadro de reflexão, a AD se posiciona defendendo que, ao interagir e tentar influenciar o outro, os humanos utilizam meios verbais relativos à construção do *logos*, *ethos* e *pathos*. Sendo que, para uma melhor descrição discursiva, os instrumentos ana-

<sup>3</sup> Para mais detalhes, ver: Pinto (2010).

<sup>4</sup> Para detalhes, ver Anscombe e Ducrot (1988).

<sup>5</sup> Mencionam-se, aqui, os trabalhos de Carel (2001, 2011).

<sup>6</sup> Segundo Carel e Ducrot, na nova versão da *argumentação na língua*, a teoria dos blocos semânticos, (TBS), o léxico, os enunciados e os parágrafos, podem ser traduzidos por discursos normativos ou transgressivos. Os primeiros são traduzidos por aspectos em “então” *donc* (DC) e os outros pelos aspectos em “contudo” / *pourtant* (PT). E ainda a *argumentação interna* constitui uma espécie de paráfrase de uma entidade; por outro lado a *argumentação externa* desta mesma entidade corresponde a um dos aspectos onde esta mesma unidade aparece como antecedente ou conseqüente. Para detalhes, ver: Carel (2001, p. 10-21) e Ducrot (2001, p. 22-40).

<sup>7</sup> De acordo com Adam (2001), são cinco as sequências prototípicas: as narrativas, as descritivas, as argumentativas, as expositivas e as dialogais. Cada qual com estruturas características próprias.

líticos são oriundos de várias áreas das Ciências da Linguagem: linguística da enunciação, pragmática, argumentação na língua, dentre outras.

Pelo exposto, observa-se que cada uma das abordagens contribui, com suas especificidades, para a atribuição de um conceito mais amplo de argumentação. A ANL, através de uma descrição minuciosa de algumas categorias linguísticas que conduzem a uma orientação argumentativa bem direcionada de enunciados. A ANT, com o trabalho minucioso com sequências, pode mostrar como o funcionamento argumentativo se instaura a um nível intermediário entre o nível macro (focado na inserção do texto em um contexto) e o micro (materialidade linguística). A AND, por sua vez, trouxe a relevância das provas aristotélicas *ethos, pathos e logos* quando da produção e interpretação dos movimentos argumentativos em textos/discursos. Também sinalizou para a importância do contexto social em que os textos são produzidos, pontuando que o contexto influencia a materialidade linguística e conseqüentemente existe uma estreita relação entre os gêneros, os textos e a estrutura micro-linguística (na qual também se integram os mecanismos argumentativos). Contudo, vale ressaltar que a AD, embora não tenha trazido um aporte específico sobre a construção argumentativa dos textos, trouxe uma grande contribuição para o estudo dos gêneros. Como afirma Maingueneau:

É acordado hoje de pensar que a noção de gênero tem um papel central na análise do discurso que objetiva *a não considerar os lugares independentemente das falas que autorizam (redução sociológica), nem as falas independentemente dos lugares aos quais estão atreladas (redução linguística)* (MAINGUENEAU, 2004, p. 107, grifo nosso).

As abordagens linguístico-textuais-discursivas trouxeram pistas relevantes para a descrição da argumentação nos gêneros, mas não solucionaram a questão do analista. Quais seriam os instrumentos descritivos a serem usados para trabalhar com gêneros textuais que apresentam uma dimensão argumentativa relevante? Ainda, nenhuma das teorias apontadas levaram em conta a relevância dos vários modos semióticos que participam da construção argumentativa dos textos. Como resolver a questão?

## 2.2 Argumentação no gênero (ANG)

Na verdade, como foi apontado, ao se considerar os gêneros como espaços de transição entre o nível textual e o discursivo, deve-se refletir, a partir de então, sobre um modelo teórico para a análise da dimensão argumentativa de textos inseridos em práticas sócio-discursivas.

No entanto, como integrar a dimensão argumentativa à problemática dos gêneros? Para responder a esta questão, deve-se reportar ao conceito atribuído por Rastier (2001) e retomado por Bouquet (2004). Para este último, é o conceito de gênero que permite definir o objeto de uma linguística do sentido, integrando nesta uma dimensão normalmente relegada ao extra-linguístico (a que poderia se chamar a ilusão lógico-gramatical em semântica) (BOUQUET, 2004, p. 8).

Assim, ao se considerar a complexidade da construção dos textos, envolvendo aspectos contextuais / extra-linguísticos diversos, a argumentação construída assume um caráter dinâmico e também complexo. Ao estarem diretamente atrelados à prática sócio-política onde se inserem, os estudos teóricos relativos à argumentação não parecem suficientes para a descrição do caráter argumentativo de gêneros textuais específicos, no caso os persuasivos. Estes visam a obter a adesão do interlocutor à determinada ideia (editorial, artigo de opinião); a acatar um determinado pedido (petição inicial, requerimento); a convencer um indivíduo a comprar determinado produto (anúncio publicitário); a fazer um eleitor votar em determinado partido (*outdoor* político), dentre outros.

Dessa forma, na ótica da análise textual que aqui será desenvolvida, a escolha da categoria *argumentação no gênero* parece se impor. Assume-se aqui que esta argumentação corresponde a todos os elementos verbais e não verbais (multimodais<sup>8</sup>) utilizados em gêneros textuais que visam à persuasão. Para que a argumentação seja analisada, considera-se a existência de dois níveis de análise (em constante interação de forma dinâmica): o contextual e o linguístico-textual, embora seja importante ressaltar que tal sistematização tem um caráter didático-metodológico. Reproduz-se a seguir a grade de análise dos textos proposta, com os diversos elementos e sua respectiva definição:

Tabela 1 - Grade de análise de um texto pertencente a um gênero persuasivo

Dimensão contextual	
Componentes <sup>9</sup>	Definição
Arquitextual	Textos já existentes diretamente relacionados - consistindo em uma espécie de memória textual
Situacional Lugar/Época de produção e de circulação Instâncias interlocutivas/estatuto dos interlocutores Finalidade Suporte Material	- Lugar e época em que os textos foram produzidos / ou que circularam - Pessoas responsáveis pela produção/interpretação/ papel social e institucional dos interlocutores. - Objetivo do ato comunicacional - Suporte utilizado, colocação na página, escolha tipográfica
Peritextual	Fronteiras do texto
Metatextual Discursiva Intertextual	- Discurso sobre o gênero característico da formação sociodiscursiva e também das teorias desenvolvidas sobre o gênero. - Prática sociodiscursiva onde o texto está integrado. - Ecos dos textos nele presentes

Dimensão linguístico-textual	
Componentes	Definição
Organizacional	Planos de texto (tipos de discurso <sup>10</sup> e sequências), Escolha semântica e temática. Argumentações internas e externa.
Estilística	Textura micro-linguística (organizadores textuais, modalizações, aspectos multimodais, dentre outros elementos)
Enunciativa Ampliada	grau de responsabilidade dos enunciados, identidade e implicações dos enunciadorees ( <i>ethos</i> <sup>11</sup> e <i>pathos</i> ).

Fonte: Elaborado pelo autor.

<sup>8</sup> A multimodalidade leva em conta que os modos semióticos são construídos tanto por uma linguagem verbal, quanto por uma linguagem visual, em que estão incluídos a imagem, os gestos, a prosódia, elementos cromáticos e tipográficos. Para detalhes, ver: Van Leeuwen (2005); Kress e Van Leeuwen (2006).

<sup>9</sup> Embora apresentem-se aqui todos os componentes, para as análises serão trabalhados os elementos contextuais mais relevantes para a determinação dos elementos linguístico-textuais. Um trabalho mais completo de análise poderá ser observado em Pinto (2010).

<sup>10</sup> Segundo Bronckart, os tipos de discurso correspondem a unidades linguísticas infra-ordenadas, relacionadas aos modos de enunciação. Existem quatro tipos: o discurso interativo, o teórico, a narração e o relato interativo. Em uma língua natural, estes tipos são semiotizados por unidades linguísticas relativamente estáveis. Para detalhes, ver: Bronckart (1999, cap. V).

<sup>11</sup> A *noção de ethos* foi transposta para a linguística por Ducrot (1984), a partir dos estudos aristotélicos. Para Ducrot, o *ethos* corresponde à imagem do locutor que é evidenciada no enunciado.

### 3 OUTDOOR POLÍTICO: UM GÊNERO TEXTUAL?

Antes de se ver esta questão, é necessário esclarecer primeiro a diferença adotada entre *suporte e gênero textual*, a partir de Marcuschi (2008). Para este autor, *o suporte é um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto*. O suporte firma um texto e torna-o acessível à comunidade. Dessa forma, o *outdoor*, por ele mesmo, deve ser considerado um suporte público para vários gêneros (anúncios, propagandas). Com isso, ao se deparar com cartazes partidários nas ruas, poder-se-ia identificá-los como *publicidades políticas* (visam vender a imagem de determinado candidato/partido para que votem nele) que circulam em *outdoors* (suporte material em que é afixado o cartaz). Contudo, neste artigo, o termo *outdoors políticos* é utilizado como sinônimo de *publicidades políticas com circulação em outdoors*.

A partir do esclarecimento deste conceito, pode-se afirmar que *outdoor*<sup>12</sup> político é um gênero textual persuasivo bem complexo. Visa levar um eleitor a votar por um partido (em Portugal),<sup>13</sup> por exemplo. Estes eleitores, a partir dos conhecimentos prévios que têm dos modelos de textos interiorizados (*dimensão arquitectural*) do que é realmente um *outdoor político*, podem reconhecer este gênero e interpretá-lo como tal. Evidentemente, os recursos multimodais utilizados (imagens, aspectos tipográficos e icônicos, aspectos linguístico-textuais) são coibidos por questões contextuais diversas.

Em relação à *dimensão espacial*, como afirma Charaudeau (1991, p. 46), a comunicação através do *outdoor* supõe a restituição de um espaço tridimensional no interior de uma superfície bidimensional. Isto ocasiona uma construção espacial relativamente complexa. É importante salientar que o *outdoor* é construído de forma a ser lido mesmo quando o destinatário se encontra a uma certa distância. Nesse contexto, há questões culturais de construção e percepção que devem ser respeitadas. É neste espaço complexo que a *multimodalidade* materializada por procedimentos semióticos diversos é instaurada.

Ainda, é importante ressaltar que os *outdoors políticos* circulam em lugares bem variados, respeitando a legislação do país. Dessa forma, o *lugar de circulação* implica certas coerções relativas à escolha dessas estratégias plurisemióticas. Por exemplo, em Portugal, o *outdoor* deve circular em espaços restritos: principalmente em *rotatórias*. Com isso, os enunciados verbais devem ser bem curtos de forma a serem facilmente lidos pelo público em geral. Essas unidades devem se distinguir tanto pela dimensão, quanto por aspectos tipográficos. Convém também destacar a relevância da imagem/fotografia que deve ser apresentada de forma a estabelecer uma distância comunicativa com o leitor.

Além disso, constata-se que a construção dos *outdoors* políticos também segue a temporalidade da campanha política (eleição de presidente, ministro, deputados, em função da realidade política de cada país). Assim, apresentam uma aparição sequencial, cronológica. Em Portugal, por exemplo, na primeira vaga de cartazes políticos do Partido Social Democrata em 2002, são unidades lexicais de cunho moral que são utilizadas: *coragem, determinação, seriedade*. Já ao final da

<sup>12</sup> O *outdoor*, como suporte para veicular publicidades diversas corresponde, atualmente (ao longo dos anos apresentou vários formatos), a placas publicitárias que possuem nove metros de comprimento por três de altura. São costumeiramente afixados em chapas galvanizadas, pregados em estruturas de madeira. Depois de concluída a estrutura, os cartazes ficam com uma área útil de 8,80 metros de comprimento por 2,90 metros de altura.

<sup>13</sup> O sistema político em Portugal é parlamentarista diferente do existente no Brasil (presidencialista).

campanha para Primeiro Ministro são *atos diretivos* para persuadir o público a votar no candidato: *Vote num Portugal solidário*. Outro aspecto interessante a ser observado é a *intertextualidade* que ecoa na produção deste gênero textual. Como afirma Charaudeau (1991, p. 49): “O significado do *outdoor político* não está verdadeiramente nele próprio”.

#### 4 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Foi selecionado aqui um exemplar do gênero textual *outdoor político*. Na verdade, foi destacado um *exemplar prototípico*<sup>14</sup> deste gênero que será denominado *estudo de caso*. Este texto apresenta o *ar de família* do gênero textual ao qual ele se integra.

#### 5 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO – *OUTDOOR* POLÍTICO

Em dezembro de 2001, o Primeiro Ministro Português, António Guterres, que pertencia ao Partido Socialista (PS), pede demissão em função das derrotas sofridas nas eleições municipais do país. Foi a partir da atitude deste político que houve uma antecipação das eleições para Primeiro Ministro em Portugal. Os dois partidos com maior expressão apresentaram aos eleitores os seus candidatos: Ferro Rodrigues, pelo Partido Socialista (PS) e Durão Barroso, pelo Partido Social Democrata (PSD).

Um dos *outdoors* da campanha do PS,<sup>15</sup> que foi derrotado nas eleições de 2002, é aqui analisado. Este *outdoor* insere-se em um conjunto de aproximadamente 3 *outdoors* que circularam na época, em que se evidenciavam características que poderiam ser atribuídas ao partido/ao candidato: *coragem/determinação/seriedade*.

#### 6 ANÁLISE DO *OUTDOOR*

Este texto é facilmente identificável como pertencente ao gênero textual *outdoor político*. Apresenta a fotografia do candidato do Partido Socialista “Ferro Rodrigues” que representa uma unidade textual<sup>16</sup> não verbal, acompanhada pela unidade verbal “Coragem” (localizada na parte vermelha do cartaz). Na parte inferior, temos várias referências ao partido: o símbolo do PS (o punho fechado), as iniciais do PS, seu *site*. Todos nós, ocidentais, a partir dos conhecimentos prévios dos modelos de texto interiorizados e armazenados na nossa memória a longo termo (*dimensão arquitextual*) podemos reconhecer este gênero e interpretá-lo como tal.

Quando se observa a *dimensão contextual*, considera-se que há elementos que coíbem a materialização linguístico-textual. Como já se mencionou anteriormente, em Portugal, os cartazes são afixados em *rotatórias*, locais em que se diminui a velocidade dos carros. Consequentemente, as unidades verbais devem ser facilmente lidas pelo público em geral e as *não verbais* (fotografia, cores, tipo de caracteres) devem ser facilmente perceptíveis. No *outdoor* em análise, existe uma

<sup>14</sup> Este termo é utilizado por Lakoff. Para este autor, este corresponde à “ideia de que os membros de uma categoria podem estar relacionados uns aos outros sem que haja uma propriedade comum que defina esta categoria” (LAKOFF, 1987, p. 12 apud KLEIBER, 1990, p. 151).

<sup>15</sup> Por não ter tido autorização do partido político, este *outdoor* não foi aqui apresentado. Vale ressaltar que algumas das considerações aqui presentes relativas à análise deste *outdoor* foram desenvolvidas em Pinto (2011).

<sup>16</sup> A unidade textual, neste contexto, diz respeito a um lexema, a um sintagma ou a um enunciado com alguma *unidade de sentido* dentro do universo textual.

unidade verbal (situada estrategicamente na parte vermelha do cartaz) que se distingue pela dimensão e por aspectos tipográficos (letras maiúsculas em negrito). Constatamos, assim, que o *lugar de circulação* coíbe de forma decisiva a escolha das unidades e dos aspectos tipográficos e cromáticos utilizados.

Além das questões apontadas acima, este texto tem uma finalidade persuasiva bem clara: *convencer os eleitores a votar no PS*. Mas como é que esta argumentação é construída neste espaço textual?

Do ponto de vista organizacional, podemos constatar que a unidade textual “Coragem” pode desencadear várias *argumentações externas* possíveis:

- (1) [Este senhor tem coragem, consequentemente vai atingir os seus objetivos]
- (2) [Este senhor tem coragem, então vai vencer os obstáculos]
- (3) [Este senhor tem coragem, então tem condições de ser o Primeiro Ministro]

Ao se analisar as três continuações possíveis para o enunciado “Coragem”, claramente associado à fotografia, observamos que o (3) é o mais adequado ao universo textual em análise.

Ainda, se nós associarmos o enunciado “coragem” às iniciais do partido, ao símbolo e ao *site*, poderíamos pensar na existência de várias argumentações externas possíveis:

- (4) [Se quiser algum com coragem, vote no partido] (enunciado inferido a partir do punho fechado)
- (5) [Se quiser alguém com coragem, vote neste partido] (enunciado inferido pelas iniciais do partido)
- (6) [Se quiser alguém com coragem, vote num partido] (enunciador inferido a partido do site)

Todos estes discursos<sup>17</sup> são inferidos a partir da unidade verbal “Coragem”, associados às unidades presentes na parte verde do *outdoor*.

Em relação a aspectos estilísticos, evidencia-se que outros modos semióticos (cores, tipografia) podem funcionar, no gênero em análise, como *organizadores textuais*<sup>18</sup> por delimitarem partes do texto. Por exemplo, considera-se que a cor vermelha, presente em cerca de um terço do cartaz, isola o *argumento* da *tese* (relativa ao símbolo, às iniciais e ao site do partido) defendida no *outdoor em análise*. Ao mesmo tempo, a tipografia da unidade textual “Coragem” é diferente das outras unidades, distinguindo-a, assim, como um argumento a serviço de todo o universo textual.

Ainda as cores (da bandeira de Portugal – o verde e o vermelho em tonalidades variadas) funcionam como *marcadores de modalidade* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 160). As variações de tonalidade sugerem a ideia de uma bandeira em movimento e salientam a dinamicidade do partido e também a sua coragem (unidade textual explicitada no cartaz). Na verdade, todos os processos semióticos escolhidos interagem entre si e reforçam-se uns aos outros.

Observa-se, ainda, no texto em análise, a relevância da fotografia do candidato. Na verdade, a escolha do “foco”, do plano utilizados não é aleatória. Na verdade, a abordagem semiótica social para a *multimodalidade*, baseada nos trabalhos de Halliday, assume que todo modo semiótico possui recursos para realizar as três funções básicas: a *ideacional*, a *interpessoal* e a *textual*. No caso específico do modo semiótico visual, Kress e Van Leeuwen (2006) as denominam: significados

<sup>17</sup> Refere-se, aqui, ao significado de discurso atribuído pela TBS. Este corresponde a enunciado(s) (encadeamentos argumentativos) inseridos no léxico.

<sup>18</sup> Esta expressão foi proposta por Schneuwly, Rosat e Dolz (1989, p. 40-58).

*representacionais, interativos e composicionais*, respectivamente. No caso, deter-se-á essencialmente nos *significados interativos* (fundamentais em gêneros textuais que visam à adesão de outro(s) a determinada tese). Estes são expressos pelo tipo de interação estabelecida entre os participantes representados, os produtores da imagem e os espectadores das mensagens visuais, através dos seguintes recursos: o sistema do olhar, o enquadramento e a perspectiva.

No texto em análise, o candidato do PS (*participante representado*) olha diretamente para os olhos do observador/interlocutor. Tem-se, assim, uma espécie de *demanda*. No caso, o observador é levado a entrar em relação direta com a imagem, estabelecendo uma espécie de afinidade social. Na sociedade em que se vive, tal forma de estabelecer contato traduz transparência e credibilidade. E, na verdade, este *significado interativo* corrobora o teor persuasivo do gênero textual em análise.

Do ponto de vista da distância social, os planos variarão em função da relação estabelecida entre o participante representado e os observadores. No texto em análise, ao ser escolhido o plano médio (foto do candidato a partir do ombro), o produtor da imagem quer estabelecer uma certa objetividade à imagem. Transmite, assim, seriedade e credibilidade a ele. Lembremos que as fotos em *close up* traduzem um tom mais emocional e subjetivo, o que não condiz com o objetivo traçado por este gênero textual.

É importante ressaltar, inclusive, estudos recentes de Cavalcante (2015, p. 218) que, a partir do estudo das metafunções trabalhadas por Kress e Van Leeuwen (2006), demonstram a importância de indícios presentes nas imagens para a construção dos referentes. Segundo a autora (ponto de vista com que concordo), essas metafunções podem, inclusive, vir a fornecer pistas importantes tanto para a apresentação, quanto para a recategorização (por *confirmação* ou por *acréscimo*)<sup>19</sup> dos referentes. No caso da fotografia presente no *outdoor* analisado, podem ser consideradas duas etapas no processo de criação da referência. Primeiramente, observa-se que a distância social criada faz com que o observador seja apresentado ao referente de objetividade, seriedade. Num segundo momento, este referente será confirmado (por *recategorização*) por meio da unidade lexical “Coragem”.

Quanto à atitude, os ângulos oblíquo e frontal demarcam diferenças relativas ao afastamento e ao envolvimento do produtor da imagem, em relação àquilo que representa. No caso em análise, o que predomina é o ângulo frontal,<sup>20</sup> criando um certo envolvimento entre o produtor da imagem e o participante representado. É importante lembrar que o responsável pela própria fotografia é um eleitor também, português, comprometido com o marketing do partido e, por isso também, deve transparecer *indiretamente* o seu favoritismo em relação à vitória do candidato.

Ainda, ressalta-se que a imagem está em um *ângulo no mesmo nível do olhar* do provável eleitor. Esta estratégia cria uma espécie de ‘parceria’ entre o candidato e o povo. Na verdade, é um político que *indiretamente* se mostra próximo à comunidade, pronto para exercer a sua função política, em prol do bem-estar social. Se este mesmo candidato se mostrasse em *contra-plongée* (em posição superior ao observador), passaria, provavelmente, a imagem de alguém arrogante e prepotente; por outro lado, em *plongée* (em posição inferior ao observador), poderia vir a ser considerado incapaz para o cargo político.

<sup>19</sup> Na verdade, a autora retoma a classificação proposta por Custódio Filho (2011) à forma como o locutor (ou possível produtor do texto) objetiva orientar o seu provável interlocutor no acesso ao referente. Face à importância desta classificação para a análise da imagem, resolveu-se adotá-la aqui.

<sup>20</sup> Tal característica é determinada pela existência de um ponto imaginário (na fotografia) que funciona como origem para linhas construídas a partir deste. Tal construção imaginária é limitada pelas próprias margens da foto. Para mais detalhes, ver: Kress e Van Leeuwen (2006, p. 136).

Todos estes elementos estilísticos corroboram para a construção de um *ethos* (relativo ao partido) sério, implicado, comprometido com valores éticos, sociais visando a atingir um interlocutor que ‘busca’ a seriedade, o comprometimento e a transparência.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se constatou, o texto é um objeto completo e, ao se trabalhar com a noção de *argumentação no gênero*, há a necessidade de conjugar perspectivas teóricas diversas e complementares para que se possa dar conta de toda uma complexidade descritiva. Como se observou, neste gênero textual em especial, há diversos modos semióticos que interagem de forma dinâmica para a construção argumentativa do texto. As cores, a tipografia, a fotografia exercem um papel relevante neste universo textual ao interagirem com as unidades verbais. Além disso, vale ressaltar que a materialidade de todas essas unidades (quer sejam verbais ou não verbais) são constrangidas por elementos contextuais, como se pôde constatar. Dessa forma, do ponto de vista descritivo, as categorias definidas para caracterizar a argumentação no gênero parecem ser de extrema relevância, contribuindo para descrições textuais em que a funcionalidade argumentativo/persuasiva lhes é associada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean-Michel. *A linguística: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008. 368 p.
- \_\_\_\_\_. Les textes: types et prototypes: récit, description, argumentation, explication et dialogue. 4. ed. Paris: Nathan, 2001.
- AMOSSY, Ruth. *L'Argumentation dans le discours*. Paris: Nathan Université, 2000. 247 p.
- \_\_\_\_\_. *L'Argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2012. 346 p.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue*. 2. ed. Liège/Bruxelles, Mardaga, 1988.184 p.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 1999. 353 p.
- \_\_\_\_\_. Genre de textes, types de discours et “degrés” de langue. In: *Texto! Janvier*, v. 13, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- BOUQUET, Simon. Linguistique général et linguistique des genres. *Langages*, n. 153, 2004, p. 3-14.
- CAREL, Marion. Argumentation interne et externe au lexique: des propriétés différentes. *Langages*, v. 35, n. 142, p. 10-21, 2001.
- \_\_\_\_\_. *L'entrelacement argumentatif: lexique, discours et blocs sémantiques*. Paris: H. Champion, 2011. 478p.
- CAVALCANTE, Mônica. Referenciação e Multimodalidade. In. VALENTE, A. C. (Org.). *Unidade e Variação na Língua Portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola Editora, 2015, p. 213-221.
- CHARAUDEAU, Patrick. La politique s'affiche. Les affiches de la politique. In. CHARAUDEAU, P. (dir.). *Luciole*. Paris: Didier Erudition, 1991.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. *Múltiplos Fatores, Distintas Interações: Esmiuçando o caráter heterogêneo da Referência*. 2011, 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DUCROT, Oswald. Critères argumentatifs et analyse lexicale. *Langages*, v. 35, n. 142, p. 22-40, 2001.

\_\_\_\_\_. *Le dire et le dit*. Paris: les éditions de Minuit, 1984. 240p.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images. The grammar of visual design*. New York/ London: Routledge, 2006. 291 p.

\_\_\_\_\_. *Reading Images. The grammar of visual design*. 2. ed. London/NY: Routledge, 2006. 295 p.

MAINGUENEAU, Dominique. Retour sur une catégorie: le genre. In: ADAM, J. M.; GRIZE, J.-B.; BOUACHA, M.A. (ed.). *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, 2004, p. 107-118.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 295 p.

PINTO, Rosalice. *Como argumentar e persuadir? Prática Política, Jurídica, Jornalística*. Lisboa: Quid Juris, 2010. 511 p.

\_\_\_\_\_. Multimodalidade em outdoors políticos: propostas de análise. In: Carlos Andrade & Ana Lúcia Tinoco Cabral (Org.). *Práticas Linguístico-Discursivas: alguns caminhos para aplicação teórica*, São Paulo: Terracota, 2011, p. 71-92.

\_\_\_\_\_. Prototypicity and textual analysis. *Belgian Journal of Linguistics*, v. 23, 2009, p. 31-44.

RASTIER, François. *Arts et Sciences du Texte*. Paris: PUF, 2001. 303 p.

SCHNEUWLY, Bernard; ROSAT, Marie-Claude; DOLZ, Joaquim. Les organisateurs textuels dans quatre types de textes écrits (élèves de 9, 12 et 14 ans). *Langue Française*, v. 81, 1989, p. 40-58.

VAN LEEUWEN, Theo. *Introducing social semiotics*. Routledge: New York, 2005. 301p.